



# **A INFLUÊNCIA DAS CONSTRUÇÕES SOCIAIS SOBRE A VIVÊNCIA DA SEXUALIDADE: UM OLHAR PARA ALUNOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Beatriz Temoteo Silva <sup>1</sup>  
Eliane Viana Cardoso <sup>2</sup>  
Gabriel Roel Elias Carvalho <sup>3</sup>  
Larissa Martins Tosta <sup>4</sup>  
Simone Acrani <sup>5</sup>

## **RESUMO**

A diversidade de alunos que frequentam o ambiente escolar reforça a importância de abordar temáticas relacionadas à educação para a sexualidade na educação básica, visto que essa abrange aspectos biológicos, psicológicos e sociais. Considerando a dificuldade de alguns professores da rede de ensino em relação ao desenvolvimento da temática e a importância do mesmo, o projeto de extensão “Educação para a Sexualidade: uma Proposta Conscientizadora para Alunos e Professores da Educação Básica” desenvolve atividades em escolas de educação básica objetivando promover a formação do sujeito como um todo, para que ele possa se perceber como um indivíduo ativo, sendo capaz de mudar sua trajetória de vida. O presente artigo apresenta um recorte dos resultados do projeto, relacionado ao desenvolvimento dos temas sexualidade e suas concepções; identidade social; autoestima; autoaceitação e autocuidado. Para o desenvolvimento das temáticas utilizou-se aulas expositivas dialogadas, vídeos e dinâmicas por meio de diferentes estratégias de ensino remoto que proporcionaram a reflexão dos alunos diante dos assuntos apresentados. Esses recursos, possibilitaram a participação ativa dos discentes, permitindo a troca de conhecimento e a promoção ao respeito da diversidade, ao invés de uma mera transmissão de conhecimentos, alcançou-se a humanização do processo de ensino/aprendizagem, a sensibilização mútua e a conscientização acerca das temáticas abordadas: preconceito, estereótipo, normatividade e hierarquização das características e comportamentos humanos diante da diversidade.

**Palavras-chave:** Educação para a Sexualidade, Educação Básica, Preconceito, Estereótipos, Autoestima.

## **INTRODUÇÃO**

Apesar de ser um assunto de suma importância na vida dos cidadãos, a educação sexual começou a ser discutida apenas em meados dos anos vinte e trinta do século XX no

1 Graduada do Curso de enfermagem da Universidade Federal do Triângulo Mineiro–MG; [beatriz-temoteo@bol.com.br](mailto:beatriz-temoteo@bol.com.br) ;

2 Graduada do Curso de enfermagem da Universidade Federal do Triângulo Mineiro–MG; [elianevianacar@gmail.com](mailto:elianevianacar@gmail.com) ;

3 Graduando do Curso de enfermagem da Universidade Federal do Triângulo Mineiro–MG; [gabrielroel3@gmail.com](mailto:gabrielroel3@gmail.com) ;

4 Graduada do Curso de enfermagem da Universidade Federal do Triângulo Mineiro–MG; [larissa.tosta@hotmail.com](mailto:larissa.tosta@hotmail.com) ;

5 Professora orientadora: Doutora em Ciências – Fisiologia - USP/RP, Universidade Federal do Triângulo Mineiro – MG, [simone.acrani@uftm.edu.br](mailto:simone.acrani@uftm.edu.br) .



Brasil (CÉSAR, 2009). Entretanto, possuía um discurso voltado a aspectos biológicos, higienistas e morais (GAVA; VILLELA, 2016). A partir dos anos noventa, a educação sexual voltou a ser debatida dentro do ambiente escolar, dada a sua importância para a formação dos alunos (ZOMPERO; LEITE; GIANGARELLI; BERGAMO, 2018).

O desenvolvimento da temática educação para a sexualidade nas escolas possibilita um novo olhar para a pluralidade, tendo em vista que a sua base é a conscientização de jovens em relação aos preconceitos e discriminações decorrentes da não aceitação da diversidade. Além disso, esse tipo de formação tem potencial de amparar pessoas que estão vulneráveis a violências físicas e verbais evitando, dessa forma, que as vítimas recorram à automutilação ou ao suicídio (SONETTI; GARCIA, 2020).

O ambiente escolar trata-se de um local onde há uma concentração de variados grupos sociais, tornando-o mais plural e enriquecido de valores. Mas, em decorrência da imposição de uma Educação, Pedagogia e Currículo superficiais, com significados enrijecidos e uma cultura hegemônica central, há a inviabilização do desenvolvimento adequado da educação para a sexualidade conforme o entendimento multidimensional da mesma (SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, 2009, p. 13-27). Além disso, os professores, durante a abordagem da temática, enfrentam algumas dificuldades, como o despreparo em relação ao assunto durante a própria formação acadêmica e a apreensão da desaprovação do grupo familiar dos alunos com relação ao ensino do tema nas escolas (BARBOSA; FOLMER, 2019).

Considerando tal contexto, discute-se hoje a presença efetiva dos Direitos Humanos no contexto escolar, cumprindo com os preceitos de que independente da origem, credo, cor de pele, orientação sexual, classe social e faixa etária dos indivíduos em pleno exercício da sua subjetividade, são passíveis de direitos e deveres. Por meio desse viés de conduta, a discussão e a construção do respeito à diversidade humana e a todas as particularidades dos envolvidos, é adequado nas escolas de educação básica (SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, 2009, p. 13-27).

Nesse sentido, uma vez que se fazem cotidianamente presentes na sociedade e nas mais diversas formas de manifestação, temáticas como preconceitos e estereótipos devem ser abordados na educação de forma contextualizada e adequada à realidade do público-alvo (SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, 2009).

O preconceito se define basicamente enquanto a insistência de um indivíduo em se prender a seus conhecimentos prévios acerca de um objeto, não havendo uma troca mútua entre as partes. Já os estereótipos são uma forma de orientação frente a realidade do mundo,



considerando a dimensão e a complexidade a ela inerentes e que são eventuais causadoras de inseguranças. Em outras palavras, são uma forma de manutenção da estabilidade emocional através da utilização de respostas rápidas e não sujeitas a reflexões ou mudanças. Dessa forma, observa-se um alicerce comum ao preconceito e aos estereótipos: o fechamento a experiências e à ressignificação das próprias crenças impedindo, assim, a identificação com o outro (NUNES *et al.*, 2015).

No que diz respeito à dimensão mais subjetiva referente à sexualidade, há alguns pontos básicos e de fundamental compreensão. A começar pela autoaceitação, ela se define enquanto a autoavaliação do indivíduo, isto é, a imagem que tem de si e que consiste numa indispensável dimensão do bem-estar psicológico (BRITO, 2018 apud KEYES, 1995). Intimamente ligada está a autoestima, a qual é basicamente um conceito não estático que o indivíduo tem de si próprio e que, assim, está sujeito à alteração ao longo de toda a vida de acordo com as experiências vivenciadas. (FREIRE; TAVARES, 2011). A autoestima também se define enquanto uma avaliação que a pessoa faz sobre si, sobre suas capacidades e sobre seu valor; essa percepção está sujeita a influências externas (MORALES; GONZÁLEZ, 2014).

Por fim, enquanto motor da autoaceitação e da autoestima está o autocuidado, o qual é definido como uma parte integrante das ações diárias dos indivíduos, visa preservar a saúde física e mental, assim como o bem-estar próprio e o familiar. Fatores como experiências pessoais, conhecimentos, confiança, capacidade cognitiva, autoestima, cultura e crenças são modeladores dessa variável (RODRIGUES, 2018 apud *Department of Health*, 2005).

Diante do exposto, é notória a importância da promoção da educação sexual por instituições escolares, uma vez se tratando de um ambiente que ainda presencia, por exemplo, atos de preconceito de gênero que ferem um componente sociocultural fundamental: a diversidade humana. Ademais, atreladas à problemática do preconceito, ações de desrespeito e intolerância são questões que abrangem não apenas o aspecto dos gêneros, mas também, aqueles relacionados à raça, à classe socioeconômica e à cultura. Esse desrespeito decorre da inapropriação do conhecimento quanto à identidade humana em seu conceito dinâmico (RODRIGUES *et al.*, 2016).

A literatura científica evidencia a importância da realização de atividades com alunos da rede escolar de forma a viabilizar a desconstrução do pensamento heteronormativo em relação à sexualidade (SILVA *et al.*, 2018, CADILHE, 2017). Assim, com intuito de disponibilizar conhecimentos científicos atualizados e livres de preconceitos o Programa de Extensão “Educação para a Sexualidade: uma Proposta Conscientizadora para Alunos e



Professores da Educação Básica” se propõe a trabalhar a temática de forma que os discentes adquiram aprofundamento teórico, mas com uma visão multidisciplinar, objetivando promover a formação do sujeito como um todo, para que ele possa se perceber como um indivíduo ativo, que possui emoções, sentimentos e fragilidades que precisam ser respeitadas e que ao longo do projeto ele possa refletir e somar com as experiências vividas, mudando sua trajetória de vida, não se deixando levar apenas por emoções, fantasias, ou impulsos que mais tarde poderá acarretar em danos para sua personalidade, abrindo precedentes, por exemplo, para gravidez indesejada, doenças e infecções sexualmente transmissíveis.

## **METODOLOGIA**

O presente artigo constitui-se de um relato das experiências e resultados obtidos a partir do Projeto de Extensão “Educação para a Sexualidade: uma Proposta Conscientizadora para Alunos e Professores da Educação Básica”, referente ao desenvolvimento dos temas: Sexualidade e suas concepções; identidade social; autoestima; autoaceitação e autocuidado.

Neste estudo, serão contempladas as experiências de dois encontros realizados no 8º ano de uma escola municipal de Uberaba – MG. Ambos foram realizados de forma remota por meio da plataforma *online Google Meet* e tiveram duração aproximada de 50 minutos. A estratégia de divisão em dois momentos foi pensada de forma a promover melhor a construção dos conhecimentos, bem como uma associação mais efetiva dos conteúdos. A trajetória foi iniciada com temas amplos de cunho social e finalizada com abordagens mais relacionadas às subjetividades dos alunos.

Uma das estratégias de ensino utilizada foi a aula expositiva dialogada, a qual prevê não apenas a introdução de conteúdos pelos graduandos, mas também a participação ativa de todos os integrantes presentes nas ocasiões.

### **Primeira atividade**

Para o primeiro encontro, os graduandos iniciaram a aula com um vídeo de recomendações, pedindo aos alunos que mantivessem as câmeras e os microfones desligados, de forma a preservar os direitos de imagem. Contudo, poderiam abrir o microfone no momento oportuno, que seria indicado pelos facilitadores.

Como ferramenta para exposição do conteúdo foram utilizados *slides*; cabe ressaltar que houve atenção especial à adequação da linguagem, bem como aos *layouts* de cada *slide* no intuito de serem atraentes, objetivos e claros à percepção do público alvo. Ao longo da discussão dos temas também foram utilizados recursos audiovisuais, como músicas e vídeos,



a fim de sensibilizar os alunos e instigá-los a formarem um posicionamento crítico acerca das temáticas abordadas.

Na conclusão da aula, foram utilizadas 4 manchetes, cujos respectivos enfoques eram racismo, doação de sangue pela população LGBTQI+, transfobia e feminicídio. O intuito foi trazer uma visão holística dos temas propostos, estimulando os alunos a refletirem como o preconceito e a heteronormatividade impactam negativamente na vida dos indivíduos. Esse momento de sensibilização foi de suma importância, uma vez que, a escola frequentemente faz uso de práticas e discursos excludentes, e se tornam espaços onde a diversidade é hostilizada (SONETTI; GARCIA, 2020).

Ainda no fechamento da aula, foi disponibilizado um *link* da plataforma *Mentimeter* para que os alunos escrevessem frases ou expressões que considerassem preconceituosas ou heteronormativas. Essa atividade teve como objetivo verificar se os participantes conseguiam discernir o fato de falas cotidianamente comuns serem preconceituosas.

Para o período assíncrono entre as reuniões, com objetivo de estreitar laços e a comunicação com a turma, bem como de adequar o encontro seguinte à realidade dos alunos, foi disponibilizado um formulário na plataforma *Google Forms* com o título “O preconceito, infelizmente, está entre nós”, cujo propósito foi o de identificar se algum dos participantes vivenciaram ou presenciaram algum episódio de preconceito e, se sim, qual foi a atitude tomada e os sentimentos provocados pela situação. A partir dessa atividade, os graduandos poderiam entender melhor a realidade de alguns alunos e conduzir de maneira mais efetiva as próximas reuniões.

### **Segunda atividade**

O segundo encontro também foi iniciado com o vídeo de recomendações e, em seguida, foi exibido um videoclipe musical, cujo tema era a diversidade e a autoaceitação, de forma a estabelecer um elo entre as duas aulas. Houve a manutenção na preocupação com relação à verbalização e disposição das informações nos *slides*, entretanto, a abordagem teve enfoque no uso de imagens em detrimento dos textos verbais; pensando em promover descontração, contínuo diálogo entre todos os presentes e assimilação ativa de cada assunto abordado.

O encontro também contou com a exibição de um trecho da série britânica “*My Mad Fat Diary*”, que mostra o cotidiano de uma adolescente obesa que tenta lidar com problemas de autoestima e autoaceitação. Ao longo da apresentação foram propostos alguns momentos de reflexão a partir das seguintes questões: “Se pedíssemos para vocês fazerem uma lista com as coisas que vocês mais gostam, quanto tempo demoraria para que o nome de vocês



aparecesse?” e “Qual a primeira coisa que vem à sua mente quando ouve a palavra padrão?”. Esses momentos de análise são fundamentais, pois levam os alunos a fazerem uma autoavaliação e analisar o porquê de serem instigados a ter determinada imagem de si.

Para concluir a reunião, foi proposto aos alunos que acessassem o *Jamboard*, por meio de um *link* que foi disponibilizado no *chat* do *Google Meet*. O comando era a citação de duas qualidades por aluno. O propósito dessa dinâmica era promover um momento meditativo entre os participantes e fazê-los compreender o quão importante é para a autoestima esse reconhecimento do valor e da capacidade deles (RUIZ *et al.*, 2016).

As três estratégias básicas adotadas (questionamentos, vídeo e dinâmica final) objetivavam a sensibilização e o aguçamento das capacidades reflexivas de cada aluno, de forma que a transmissão dos conteúdos fosse efetiva e construtiva, cumprindo assim, o objetivo central do projeto.

Além das atividades síncronas desenvolvidas com os alunos, o projeto criou uma sala de aula virtual na plataforma *Google Classroom*. Nesse espaço foram possíveis interações como anexação de documentos e atividades por parte dos responsáveis, envio de dúvidas pelos alunos e troca de mensagens entre ambos, simulando um ambiente escolar e, assim, uma maior aproximação do contexto virtual à dinâmica de uma sala de aula presencial.

Por meio do diálogo, dinâmicas e de espaços para autorreflexão, as atividades foram desenvolvidas buscando envolver ao máximo os alunos nas discussões, para que fosse possível não apenas sondar seus conhecimentos e percepções acerca dos assuntos abordados, mas também para instigá-los a desenvolverem uma visão crítica sobre as temáticas.

Como estratégias complementares de interação, foi ainda sugerida aos alunos a abertura do microfone e o envio de mensagens no *chat* do *Google Meet* no momento das aulas síncronas. Já para os momentos assíncronos, estavam disponíveis as páginas do projeto em redes sociais como o *Instagram* e o *Facebook*, bem como o *Google Classroom* citado anteriormente.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Durante a atividade 1 que abordou a sexualidade e suas ramificações foi utilizado o recurso tecnológico Nuvem de Palavras disponível na plataforma *Mentimeter*, como estratégia para instigar a reflexão acerca do uso indevido de palavras e expressões preconceituosas no cotidiano, tema abordado durante a primeira aula. Os alunos poderiam compartilhar até duas expressões preconceituosas e heteronormativas.



As palavras apresentadas foram: “viado”; “quer virar homem”; “tão linda um desperdício”; “macaco”; “viadagem”; “mulher no volante perigo”, “tinha que ser mulher”, “boiolagem” e “tu é mano”.

As expressões citadas pelos alunos foram classificadas em 3 categorias: A linguagem como veículo de homofobia de acordo com Antunes (2016), o machismo e discriminação racial segundo Oliveira e Rose Maio (2016). A categorização das palavras foi realizada mediante a similaridade entre os respectivos temas de abrangência. Os resultados apontaram que seis alunos redigiram palavras referentes à homofobia, dois relacionados ao machismo e um a discriminação racial.

A abordagem aplicada no desenvolvimento da primeira aula gerou um conhecimento para graduandos e alunos da educação básica, visto que a interação realizada via *chat* e Nuvem de Palavras permitiu aos mediadores um novo olhar acerca do conhecimento de alunos do 8º ano frente a conteúdos que abordam as muitas dimensões do preconceito. Houve significativa participação, apresentaram diferentes comentários sobre a expectativa de vida da comunidade LGBTQI+, além de posicionamentos em relação a padrões estabelecidos pela sociedade. Nesse sentido, observa-se que as estratégias utilizadas permitiram que os alunos saíssem da passividade de pensamento para, então, tornarem-se coautores no processo de aprendizagem (TORTORELI; GASPARIN, 2012).

Em relação a atividade do momento assíncrono, onde os alunos deveriam relatar sobre a vivência em relação ao preconceito e o que é possível fazer para construir um mundo livre dele, verificamos relatos pessoais e exemplos das notícias em destaque no período de disponibilização do formulário e que estavam relacionadas à proposta da pergunta. Os alunos trouxeram algumas propostas de intervenção enquanto forma de transformação de um mundo ainda marcado pelo preconceito e pela discriminação. É válido ressaltar que nas respostas foi possível perceber traços claros da influência das abordagens do projeto na forma de pensar dos alunos, o que indica um retorno quase que imediato e positivo quanto ao cumprimento do objetivo central do projeto de formar indivíduos mais conscientes por meio da reflexão e do pensamento crítico.

Depois de ministrada a primeira aula, a professora responsável pelos alunos (as) participantes do projeto, relatou que:

“Gostei muito da maneira como foram trabalhados os conceitos, os discentes conseguiram trabalhar o tema com os alunos de maneira clara, tranquila, objetiva e bastante contextualizada, com exemplos do cotidiano dos nossos alunos, sabemos que é uma temática bastante delicada de ser trabalhada, no decorrer do encontro,



pude perceber que a atividade conseguiu atingir o seu objetivo, os alunos ficaram atentos, curiosos, participaram muito da atividade e conseguiram estabelecer relação com o que eles viviam no meio a sua volta. [...]” (Professora 1, 2020).

A educação para sexualidade no cenário escolar apresenta-se como estratégia de transformação do imaginário dos indivíduos em formação quanto a assuntos como gênero, identidade, racismo e violência; busca-se métodos que instiguem e fundamentem o senso reflexivo e o hábito de dialogar, permitem a inserção de cidadãos mais autônomos, livres e respeitosos diante da diversidade (ALENCAR *et al.*, 2020). Os encontros realizados com os alunos do presente projeto ansiaram não só impactar o modo de enxergar e de se posicionar dos adolescentes diante da diversidade humana, mas também instigá-los a lidar com seus sentimentos, valores e características próprias, além de inspirá-los a ressignificar os próprios preconceitos.

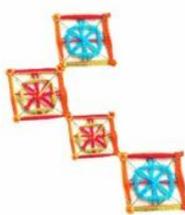
Na atividade 2, após a apresentação do vídeo que tinha como objetivo estimular a reflexão dos participantes quanto ao amor próprio, ao reconhecimento e à autovalorização foi solicitado que listassem no *chat* as coisas que mais amam e gostam e quanto tempo demorariam para colocar o próprio nome na lista. Neste questionamento, duas respostas

“Se eu lembrasse de colocar eu ia demorar muito sksksksk” (Aluno A, 2020).

“Eu demoraria para colocar meu nome sksksk” (Aluno B, 2020).

A autovalorização e o autoconhecimento são dimensões humanas constantemente deixadas de lado e que, sem se perceber, tornam-se a principal causa de problemáticas identificadas nos atuais relacionamentos amorosos. O desconhecimento ou o conhecimento incompleto do eu, atrelado à falta de afeto e respeito, culminam no distanciamento dos indivíduos dos próprios sentimentos, desejos e valores, vulnerabilizando-os a relacionamentos nos quais as vontades e os parâmetros do outro se sobrepõem à própria individualidade (GOMES, 2013).

Além da questão interpessoal, há a dimensão individual do adolescente, no qual se considera a presença da autoimagem e do autoconhecimento interligado ao nível/estado da autoestima (baixa, média ou alta), a qual foi anteriormente conceituada. Dessa forma, como demonstrado por uma das atividades desenvolvidas com os alunos, a não participação (6 alunos) e o posicionamento característico de uma autoestima questionável (2 alunos), retrata o possível estado da autoestima dos alunos no contexto escolar. A dimensão emocional e psicológica dos indivíduos caracteriza a abordagem integralizada da sexualidade humana, adotada pelo projeto “Educação para Sexualidade”, com o intuito de alcançar o objetivo do aprendizado efetivo aplicado à realidade vivenciada pelos alunos.



Enquanto estratégia de finalização, bem como de consolidação das reflexões propostas ao longo de todo o encontro, foi proposto que elencassem duas qualidades que enxergavam em si mesmos. A dinâmica foi conduzida a partir de um *link* de acesso da plataforma *Jamboard* disponibilizado no *chat* do *Google Meet*. As seguintes características foram apontadas: “inteligente” (4), “incrível” (1), “engraçado” (2), “paciente” (1) “animado” (1), “estudiosa” (1), “*pro-player* de *League of Legends*” (1), “nerd” (1), “tudo que é defeito vira qualidade” (1), “*pro player* de *minecraft*” (1), “preguiçoso” (1).

A partir da interação dos alunos, realizou-se a leitura dos relatos, bem como o reforço de princípios anteriormente trabalhados e relacionados a autoestima e a autoaceitação. A estratégia buscou também enfatizar a importância das noções atribuídas a autoimagem, a qual consiste na concepção, visão ou imaginação que o indivíduo tem de si próprio, as quais, por sua vez, resultam das experiências e de fatores que a pessoa passa durante a sua vida (GODINHO, 2018 apud SANTANA, 2017).

Além dos registros no *Jamboard*, houve um exposto no *chat* da reunião que também chamou atenção:

“Penso mais nas pessoas no q em mim e q sei identificar uma emoção de alguém...não sei se isso é qualidade” (Aluno C, 2020).

A partir dessa colocação, foi trabalhado com o grupo o valor de ser sensível à percepção de oscilações emocionais das pessoas com quem se estabelece laços. Além disso, uma vez que o comentário trouxe a questão da empatia, abriu-se precedente para que os facilitadores abordassem a necessidade desse princípio, mas, ao mesmo tempo, a importância da não sobreposição do bem-estar alheio ao próprio. É válido ressaltar que a empatia consiste na preocupação com o sofrimento alheio e a busca pelo aprimoramento de relações interpessoais, de vínculos afetivos e de habilidades comunicacionais (FORMIGA, 2012).

Ao término da segunda aula a professora responsável pelos alunos (as) participantes do projeto, fez um relato em relação ao trabalho e seu respectivo impacto:

“[...] conquistando bem calmamente a confiança dos alunos da escola, e com isso, nossos alunos se sentiram a vontade para expressar o que sabiam e o que sentiam sobre o assunto abordado, acredito que a atividade realizada foi de extrema importância para os alunos, uma vez que conseguiram manifestar seus sentimentos e melhoraram a autoestima. Gostei muito da atividade, enquanto professora, tive a oportunidade de conhecer melhor meus alunos, conhecer um pouco mais da realidade deles e compreender suas aflições. [...]” (Professora 1, 2020).

Assuntos como autoestima e valores são os mais desconhecidos pelos estudantes, mas, em contrapartida, é uma das vertentes por maior procura do saber, sendo essa a do processo



evolutivo voltado para uma perspectiva individual e social (FELIZARI, 1990). Corroborando na mesma linha de pesquisa, De Miranda, Freitas e Silva (2015), constataram que os alunos apresentam baixa relação da autoestima com a sexualidade humana demonstrando a imaturidade dos mesmos quanto à multidimensionalidade da temática, sinalizando a necessidade de se ampliar a visão e compreensão, para que alcancem uma vivência plena, prazerosa, livre de medos e culpas.

Cabe ressaltar que a adesão dos alunos foi possivelmente influenciada por alguns fatores, como: o caráter não obrigatório das aulas e a sua realização num horário fora do período regular de estudo dos alunos; o compartilhamento do espaço domiciliar entre alunos e responsáveis e/ou demais familiares, o que, dependendo do contexto familiar em que o aluno está inserido, é um potencial fator de inibição da capacidade de expressão e também a dependência da disponibilidade dos recursos tecnológicos dos responsáveis para a participação nas aulas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O projeto “Educação para a Sexualidade: uma Proposta Conscientizadora para Alunos e Professores da Educação Básica”, enquanto extensão, objetiva um intercâmbio efetivo de saberes entre os graduandos extensionistas e os alunos da educação básica. Para o cumprimento dessa premissa, a cada encontro e em todo o processo de preparação, os discentes buscaram compreender a profundidade e o impacto das informações para que, então, elas fossem transmitidas com a máxima segurança, veracidade e aplicabilidade possíveis. Por meio dessa postura, ao invés de uma mera transmissão dos conhecimentos, alcançou-se a humanização do processo de ensino/aprendizagem, a sensibilização mútua e a conscientização acerca das temáticas abordadas. À exemplo delas tem-se o preconceito, o estereótipo, a normatividade e a hierarquização das características e comportamentos humanos diante da diversidade.

A partir desse contexto, abordagens tradicionais para transmitir as informações ao longo do processo de ensino-aprendizagem não seria o ideal. Nesse sentido, a resignificação do modelo de aula para um momento mais descontraído e menos engessado aliada à utilização de uma linguagem mais próxima dos alunos permitiu que expressassem melhor suas opiniões e se sentissem mais à vontade durante as reuniões. Tais fatos reforçam a necessidade de métodos que vão ao encontro das expectativas pré-moldadas dos alunos. Em suma, o projeto, complementando o que é previsto pelas políticas públicas educacionais do país, adota uma



perspectiva integralizada do ser humano, considerando os aspectos biopsicossociais atrelados à sexualidade do ser, permitindo assim, que temáticas relacionadas à saúde mental, relações sociais e composição morfofisiológica do corpo sejam trabalhadas concomitantemente, sendo entrelaçadas entre si. Desse modo, esse projeto torna-se um parceiro para as escolas por possibilitar a educação continuada de professores e alunos, influenciando, assim, em um novo olhar e abordagem da sexualidade no ambiente escolar.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Triângulo Mineiro pelo fomento.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, P. P. S. **Homofobia internalizada: o preconceito do homossexual contra si mesmo.** Orientador: Salvador Antônio Mirelis Sandovas. 2016. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 2016.

BARBOSA, L. U.; FOLMER, V. Facilidades e dificuldades da educação sexual na escola: percepções de professores da educação Básica. **REVASF**, Petrolina, PE, v. 9, n. 19, p. 221-243, 2019.

BOCK, A. M. B. A perspectiva sócio- histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. **Cad. Cedes**, Campinas, SP, v.24, n. 62, p. 26-43, 2004.

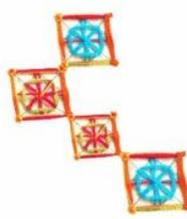
BRITO, M. J. F. G. Personalidade, Regulação Emocional e Perturbação Psicológica. 2018. 65 f. Dissertação (Mestrado integrado em medicina) - Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra.

CADILHE, A. J. “Tenho dificuldades em lidar com essa situação”: narrativas, gênero e sexualidade na formação continuada de professores/ as. **Revista Humanidades e Inovação**, v. 4, n. 6, p. 46-54, 2017.

CESAR, M. R. de A. Gênero, sexualidade e educação: notas para uma "Epistemologia". **Educ. rev.**, Curitiba, n. 35, p. 37-51, 2009.

DE OLIVEIRA, M.; ROSE MAIO, E. “Você tentou fechar as pernas?”- A cultura machista impregnada nas práticas sociais. **POLÊM!CA**, v. 16, n. 13, p. 01-18, 2016.

FREIRE, T.; TAVARES, D. Influência da Autoestima, da regulação emocional e do gênero no Bem-Estar subjetivo e psicológico de adolescentes. **Revista de Psiquiatria Clínica**. n. 5, v. 38, p. 184-188, 2011.



GAVA, T.; VILLELA, W. V. Educação em Sexualidade: desafios políticos e práticos para a escola. **Sex., Salud Soc. (Rio J.)**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 157-171, 2016.

MORALES, M.; GONZÁLEZ, A. Resiliencia-Autoestima Bien estar psicológico y Capacidad intelectual de estudiantes de cuarto medio de buen rendimiento de liceos vulnerables. **Estudios Pedagógicos**. n. 1, v. 40, p. 215-228, 2014.

NUNES, S.S.; SAIA, A. L.; TAVARES, R.E. Educação Inclusiva Entre a História, os Preconceitos, a Escola e a Família. **Psicologia: Ciência e Profissão**. v.35, n.4, p. 1106-1119, 2015.

RODRIGUES, A. L. M. Corpo, gênero e sexualidade. 2018. 71 f. Dissertação (Mestrado em Educação para a Saúde) - Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Coimbra, Instituto Politécnico de Coimbra.

RUIZ, J.E.L. *et al.* OS SEIS PILARES DA AUTOESTIMA E A INTEGRAÇÃO CORPO E MENTE. **Temas em Educ. e Saúde**, Araraquara, SP, v. 11, p. 27-34, 2015.

RYFF, C. D.; KEYES, C. L. M. The structure of psychological well-being revisited. **Journal of Personality and Social Psychology**. n. 4, v. 69, p. 719-727, 1995.

SACCO, A. M.; COUTO, M. C. P. P.; KOLLER, S. H. Revisão sistemática de estudos da psicologia brasileira sobre preconceito racial. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 24, n. 1, p-233-250, 2016. Sexualidade / Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Diversidades. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. – Curitiba: SEED – Pr., 2009. - 216 p.

SILVA, E. S. A. A pessoa dependente no autocuidado com potencial para melhorar: construção de um instrumento de avaliação. 2019. 241 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem Médico-Cirúrgica) - Escola Superior de Enfermagem do Porto, Porto.

SILVA, R. N.; FARIAS, L. M.; CRUZ, F. F. B.; MAGGI, L. E. Análise da eficiência do projeto de extensão “Vamos conhecer a nossa sexualidade” no conhecimento dos alunos do ensino fundamental de um colégio em Rio Branco, Acre, Brasil. **South American Journal of Basic Education, Technical and Technological**, v. 5, n.3, p. 94-106, 2018.

SONETTI, S. L.; GARCIA, M. R. V. Ensinando a diversidade ou a transfobia? Um panorama da educação sobre diversidade sexual e de gênero nas escolas da região de Sorocaba- SP e sua intersecção com saúde mental. **Revista Práxis**, Novo Hamburgo, n.1, p. 173-194, 2020.

TORTORELI, A. C.; GASPARIN, J. L. A interação do professor e aluno no ambiente virtual de aprendizagem: a ferramenta síncrona chat. **Seminários de Pesquisa PPE**. Universidade Federal de Maringá 07 a 09 de Maio de 2012. p. 1- 18. **VENOSA PERIFÉRICA**. 2016. Tese (Doutorado em Enfermagem na Promoção de Saúde) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

ZOMPERO, A.F.; LEITE, C.M.; GIANGARELLI, D.C.; BERGAMO, M.C.B. A TEMÁTICA SEXUALIDADE NAS PROPOSTAS CURRICULARES NO BRASIL. **Revista Ciências e Ideias**, v. 9, n. 1, 2018.